artigo 04

FRAGMENTOS DE ESCRITURA: RASTROS DE UMA VIDA

FRAGMENTOS DE ESCRITURA:

RASTROS DE UMA VIDA

Fabiane Olegário[1]

Angélica Vier Munhoz[2]

RESUMO:
Trata-se de um texto ensaístico, tomado pela noção de fragmento de Barthes (2003) e Tavares (2013), meio pelo qual a escrita se compõe enquanto uma operação experimental do pensamento. Por outra via, dos restos que constituem os fragmentos, Lispector passa a ser o mote que alimenta tal escrita. De um esforço imprescindível de tornar-se o que se é traçado por um plano fugidio, incerto e inseguro, não há nenhum compromisso que lembre competências e habilidades escritoras, tampouco a apropriação e amostragem de formas de expressão acadêmicas ou não. Ao texto interessa, quase de forma atlética, produzir variações, movimentos, planos de composição, ladroagens que, ao tomarem algo que não é seu, o usam de outro modo.

PALAVRAS-CHAVE: Escrita; Ensaio; Fragmento; Variações.

FRAGMENTS OF WRITING: TRACES OF A LIFE

ABSTRACT:
This essayistic text takes the notion of fragment from Barthes (2003) and Tavares (2013), a means by which writing is composed as an experimental operation of thought. Through a different path, from the remains that constitute the fragments, Lispector becomes the motto feeding such writing. From an indispensable effort to become what one is through a fleeting, uncertain, unsafe design, there is no commitment with writing competences and skills, let alone the appropriation and sampling of forms of expression, either academic or not. Almost athletically, the interest is in producing variations, movements, plans of composition, thieveries that, by taking something they do not own, use it in a different way.

KEYWORDS: Writing; Essay; Fragment; Variations.

1 Doutoranda em Educação (UFRGS). Docente do Centro de Ciências Humanas e Jurídicas (CCHS) do Centro Universitário Univates. E-mail: fabiole@univates.br
2 Doutora em Educação (UFRGS). Docente do Centro de Ciências Humanas e Jurídicas e dos Programas de Pós-Graduação – Mestrado em Ensino e Mestrado em Ensino de Ciências Exatas – Centro Universitário Univates. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Currículo, Espaço, Movimento (CEM/CNPq/Univates). E-mail: angelica-vmunhoz@gmail.com

INFORME C3 periódico eletrônico

DOS RASTROS QUE INICIAM A ESCRITA

"E se apoderava do menino uma sensação já muitas vezes experimentada, a impressão estranha, entre sonhadora e angustiante, de algo que desfilava sem se mover" (MANN, 2005, p.35). Escolhemos as palavras do romance de Thomas Mann (2005), pois nelas encontramos o mote de que precisávamos para tomar, mais uma vez, Clarice Lispector – como um dia ela o fez com o autor alemão Thomas Mann, ao ler *A Montanha Mágica*, ou então ao ler *O Lobo da Estepe*, de Hermann Hesse. São sopros de um vento que chega das "colinas verdes de Tchechelnik[3]" (MOSER, 2011, p.31).

Fica mais ou menos assim: Clarice leu Thomas Mann, que criou o menino, de quem uma sensação se apoderava. Isso tudo aconteceu em águas vivas[4], onde o *menino a bica de pena*[5]fez planos para *caridades odiosas*[6], apoderado de um *mal-estar de um anjo*[7].

Talvez Barthes (2005, p.25) tenha razão ao escrever que "amar +escrever= fazer justiça com aqueles que amamos, isto é, testemunhar por eles", e é o que nos resta. Por outra via, o que nos resta parece ser "escrever o resto", como Barthes sinaliza em *Roland Barthes por Roland Barthes* (2003). Os restos são compreendidos como matéria potente para a escrita, que, constituída de sobras, se torna precária, improdutível para uma vida produtiva que se propaga por meio do consumo. Desse modo, escrever seria, sobretudo, uma prática incansável de resistência e também ética em meio aos tempos atuais, pois, se levados pela corrente, "já nada resta à escrita" (BARTHES, 1987, p. 271).

DA ESCRITA POR FRAGMENTOS

Dos restos, um tanto de fragmentos. Um fragmento pode ser, tal como afirma Tavares (2013, p. 41), "um ponto onde se inicia" ou ainda "uma máquina de produzir inícios, uma máquina de linguagem, das formas de utilizar linguagem, que produz começos – pois tal é sua natureza" (Ibidem). Trata-se de uma questão de velocidade, de mobilidade do pensamento e, talvez, de certa urgência. Mas, para além disso, Tavares (2013) lembra que o fragmento é "um espaço onde a prudência fica de fora", pois "a falta de espaço implica que se decida com rapidez" (p. 41). Contudo, "nenhum fragmento vira as costas ao alvo, o centro está sempre ali e qualquer fragmento pode atingi-lo" (Ibidem, p. 43). Assim, encontrar a distância necessária do alvo, inventar novas ligações, eliminar os excessos, constituem a tentativa de dizer algo que só pode ser dito em pedaços. Eis a força de um fragmento que se efetua em meio aos restos.

3 Cidade localizada na província ucraniana em que nasceu Chaya Pinkasovna Lispector.
4 Água viva é o título do romance redigido por Clarice Lispector nos anos 70.
5 Conto de Clarice Lispector; encontra-se no livro *Felicidade Clandestina*.
6 Crônica de Clarice, apresentada por Rosika Darcy de Oliveira no livro *Clarice na Cabeceira*.
7 Crônica de Clarice, apresentada por Joaquim Ferreira dos Santos no livro *Clarice na Cabeceira.*

A escrita em fragmentos também atravessa a escritura de Barthes. O autor coreografa movimentos e repousos de uma escritura tomada como gesto. Para Barthes, o fragmento,

> Implica um gozo imediato: é um fantasma de discurso, uma abertura de desejo. Sob a forma de pensamento-frase, o germe do fragmento nos vem em qualquer lugar: no café, no trem, falando com um amigo (surge naturalmente daquilo que lê diz ou daquilo que digo); a gente tira então o caderninho de apontamentos, não para anotar um "pensamento", mas algo como o cunho, o que se chamaria outrora um "verso". [...] o fragmento (o hai-kai, a máxima, o pensamento, o pedaço de diário) é finalmente um gênero retórico, e como a retórica é aquela camada da linguagem que melhor se oferece à interpretação, acreditando dispersar-me, não faço mais do que voltar comportadamente ao leito do imaginário (BARTHES, 2003, p. 102-103).

Não se trata, assim, da palavra em seu encadeamento linear; o que interessa é a desavergonhada capacidade de habitar as "bordas", sugerindo outras possibilidades para além do que está posto e instituído. Nesse sentido, escrever sugere certo amadorismo barthesiano, "sem espírito de maestria ou de competição" (BARTHES, 2003, p.65). Sejamos, pois, amadores irreparáveis de "um universo em migalhas" (Ibidem), meio pelo qual a escrita deste ensaio é construída.

DOS FRAGMENTOS QUE ADENTRAM

Escritura nua que anda às avessas, desregrada, desmedida, impura, desgarrada do território de origem, distante de filiações rumo ao desconhecido. Entregando-se à aventura do acaso, abre brechas às forças instituintes da vida, criando um mundo incerto e, todavia, perigoso, pois, próximos de Lispector (2009), avistamos "um abismo de nada. Só essa coisa grande e vazia" (p.25).

***

Primavera, primeira hora da tarde, eis as primeiras palavras datilografadas. Palavras demoradas, paridas meio sem jeito; a cada letra, um gemido, uma porosidade, um oco. Era como se algo precisasse ser dito, uma necessidade de vir à tona, mesmo que não estivesse pronta para nascer, para ser, porque já era viva, a própria coisa. Inconfessável, impenetrável, enigmática, intraduzível, inexplicável. Parida de mistérios, labirintos e enigmas, habita o ventre de um ser ainda sem nome, sem rosto, porque esfacela "no ardor de desejo e tende a se alargar, a se ultrapassar" (BARTHES, 2005, p.27).

***

CORPO - ARTES - EDUCAÇÃO - MODA - CULTURA - SAÚDE

INFORME C3 periódico eletrônico

Informe C3, Porto Alegre, v. 09, n. 1 (Ed. 18), Out, 2016/Mar, 2017. (ISSN: 2177-6954) - www.informec3.weebly.com

Sentada no ônibus, levanta a cabeça "o tempo todo para devanear ou refletir" (BARTHES, 1982, p. 72); escreve no "nível do corpo, e não do da consciência" (Ibidem), o seguinte excerto: "crio o material antes de pintá-lo, e a madeira torna-se tão imprescindível para minha pintura como o seria para um escultor. E o material criado é religioso" (LISPECTOR, 1998b, p.77). Rasga com os dedos indicadores uma embalagem de papel com o nome do supermercado de onde acabara de sair naquela tarde de domingo.

***

Leitura que fere, dói, sangra e arde. É quase um jogo, é preciso aguentar a quentura do sol violentando o rosto, até porque "no sertão se Deus vier que venha armado".[8] Trata-se de um confronto, um defrontar-se, um duelo entre aquilo que passa entre o dizer, pensar e sentir gerados pela crueza da vida. Entretanto, "se um dia Deus vier a Terra haverá silêncio grande. O silêncio é tal que nem o pensamento pensa" (LISPECTOR, 1998a, p.96). Trata-se, todavia, de encarar um vazio que transborda. Vazio que jorra, onde as coisas ainda não são e, portanto, fazem filhos no caos. Desterritorializada, transborda uma força imanente que faz proliferar uma legião estrangeira lançada numa situação de nudez e mudez; é exposta à dor do espanto, porque é viva e pulsa em um coração selvagem.

***

Escreve anonimamente. Transgride o existente da escrita ao mesmo tempo em que inventaria traços que afirmam a matéria da qual somos feitos. Usina, fábrica, contamina-se de matéria suja. Escava, escava até encontrar o seu deserto. Opera em conexões, tece por cortes, sublimes atravessamentos que possibilitam à palavra saltar de pontes. Caminhar com os pés descalços, abrigando a singularidade que reside na superfície da pele, rumo à imprevisibilidade da escrita, abrindo sendas de passagens aos demônios que pedem licença. Murmúrios, grunhidos, balbucios, uivos à meia-noite fazem vacilar o poder/verdade que constitui a imagem do pensamento dogmático.

***

Exercícios de torcer as palavras, para então testemunhar o divórcio entre as palavras e coisas, conectam as palavras nas práticas de experimentação, visto que "não há nada para compreender, nada a interpretar" (DELEUZE; PARNET, 1998, p.12), apenas a experimentar.

8 Frase pronunciada por Riobaldo, personagem criado por Guimarães Rosa na obra *Grande Sertão Veredas*.

***

A luta é desigual[9], a coisa nos persegue, toma a vida da gente. De longe dá para sentir o seu cheiro – alfazema fresquinha colhida no campo nas manhãs frias de inverno. Pausa para, quem sabe, uma confissão: estou em estranho estado de graça por não entender muito bem o que eu ainda não entendo. Espero que não seja uma revelação final e tampouco impactante. Retorno às escritas. Onde parei? Sento e reparo que é chegada a hora de contar com um pouco de sorte e resolver esse mal-entendido entre o eu e a coisa. A coisa que é e, por isso, atravessa e reúne todas as coisas nela mesma, nua, crua, sem receio, sem recuo.

***

A escritura anônima que baila em salões dionisíacos traduz intensamente o desafio de assinar com o nome próprio o pulsar da existência. O que dizer ou como calar diante da ideia "Se eu fosse eu"[10]? Quais seriam os possíveis que habitam o eu, os quais têm uma vontade sagrada de ser múltiplos? A vontade de outrar-se no pensamento é também vontade de outra escrita, atravessada por ramificações, cheiros, tons, paisagens. "Escrevo em signos que são mais um gesto que voz [...] O mundo não tem ordem visível e eu só tenho ordem da respiração. Deixo-me acontecer" (LISPECTOR, 1998b, p.24).

***

Estará a coisa iluminada? Profana e maldita. É preciso saber mais, assim como é preciso cartografar as forças violentas que flagelam o ser. Ver a coisa em si, encará-la, virá-la do avesso, colocar as fuças em suas pequenas orelhas. Que diabos! Sei que será muito duro o movimento, todavia, é preciso um pouco de ar fresco, um copo de água e muita disposição, até porque temos, "no mínimo, um eu a ser zerado" (CORAZZA, 2010 p.86). Anotações, cadernetas, canetas Bic – não sei por que, mas ainda guardo na primeira gaveta da escrivaninha uma caneta Bic de três cores –, ponta grossa ou fina – talvez uma Pilot –, tinta e movimentos criam possíveis, vivificam fluxos, umedecem o papel com suor das palmas das mãos, grudando uma folha na outra. O divino que habita a coisa. Toda substância é divina. A propósito: "qual é a língua que um espírito desses haverá de falar quando falar consigo mesmo?" (NIETZSCHE, 2009, p.122). Plenitude da coisa que assusta ao afirmar uma trama tecida por linhas sóbrias, por isso, malditas. Trata-se de linhas

9 Frase pronunciada por Clarice ao ver uma estudante de jornalismo ser desafiada ao querer comer uma galinha.

10 Título da crônica de Clarice Lispector, retirado da coletânea *Clarice na Cabeceira*, organizada por Teresa Montero, em que ela escreve: "Experimente: se você fosse você, como seria e o que faria?" (p.81).

CORPO - ARTES - EDUCAÇÃO - MODA - CULTURA - SAÚDE

INFORME C3 periódico eletrônico

encarnadas de vida e desencarnadas de ressentimentos.

***

Plenitude da coisa que assusta ao afirmar um drama tecido por linhas sóbrias, por isso, malditas. Trata-se de linhas encarnadas de vida e desencarnadas de pudor. Barthes (2003) insinua que a escritura começa pelo estilo, que serve para louvar um valor novo; mesmo que de forma tímida, oferece-se a grandes riscos de recuperação, pois prepara o reino do significante. Portadora de multiplicidades de formas e movimentos, arranjos se esfregam como uma cadela no cio. É preciso sensibilidade, disponibilidade, um perder de si como uma meta a ser obsessivamente perseguida. Tomar a vassoura da bruxa, criar território num movimento ziguezagueante. Intolerável que arrasta a coisa. Crivar o duro, habitar bordas. Como? Pois "eu chegara ao nada, e nada era frio e úmido" (LISPECTOR, 2009, p.60).

***

"Forças descontínuas, espasmódicas, dispostas apenas ao encontro com a diferença" (AQUINO, 2011, p.654), desfazem o sentido único, proporcionando a liberação do pensamento como potência criadora e afirmativa da vida.

***

Escrita artista que ensaia as palavras de um pensamento que está na corda bamba. Feita de silêncios, gritos e rouquidão, coloca em dúvida o próprio pensamento. Descontínuos movimentos, desalinhos que possibilitam "à linguagem deixar de ser representativa para tender para seus extremos ou seus limites" (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p.36).

***

Prefiro a coisa. Pelo menos uma adaga é preciso ter na cintura ou, no mínimo, um canivete para riscar o chão, estraçalhando a imagem. Deleuze adverte com um pedido de prudência. Pode ser um imperativo, mas, quem sabe, um sinal de vida, um sopro. É preciso jejuar e, nesse longo processo, prestar serviço sobre si mesmo, caso contrário, se morrerá de fome de vida. Pensar e escrever se configuram em um exercício de experimentação que dobra, desdobra e redobra as forças, incita à criação de matérias, visto que, quando uma escrita é tomada por encontros e composições imprevisíveis, um tanto se põe a escorrer: identidade, representação e racionalidades puras deixando em suspensão "o que éramos, o que somos e o que pensávamos" (CORAZZA, 2005, p.19).

***

Para não coagular; não prever; não prescrever; não decalcar; não endurecer; não secar; não reproduzir simplesmente e descaradamente; não descrever; não separar a vida daquilo que ela pode, porque "Deus é a causa imanente e não transitiva de todas as coisas" (SPINOZA, 2014, p.29).

***

Por todos estes aspectos, só sobraram as incertezas que se apresentam no decorrer da trajetória a todos aqueles que se arriscam a viver sob a linha feiticeira. Encorajados, portanto, a correr riscos de desaprender o aprendido, "fabricam o que ainda não existiu nem existe" (CORAZZA, 2009, p.120). Trata-se, no entanto, de um não saber clariciano, de forças intempestivas que furam e que cortam, fazendo o corpo sussurrar, pois não tinham sido "pensamentos de cabeça, eram do corpo" (LISPECTOR, 2009, p.143).

DAS VARIAÇÕES QUE ENCERRAM A ESCRITA

Supomos, ao escrever com fragmentos, que não haja modos que possam conter os ritmos, as pulsações, as lentidões e as velocidades de uma escritura quando instalada nos poros. Tomadas pelo acontecimento, acreditamos que "escrever não é impor uma forma de expressão a uma matéria vivida, mas trata-se de um procedimento informe, de um processo inacabado, de uma passagem de vida que atravessa o vivível o vivido" (CORAZZA, 2013, p.35).

Todavia, a escritura não faz referência a itinerários dados às facilidades, até porque não escrevemos à espera de um momento de lampejo inspirador e, sobretudo, desejamos afirmar que escrever nada tem a favor de espontaneidade, assim como nenhuma aliança com o "pensamento moral", tampouco com "besteira comunicativa, reflexão, clichês, decalques, regras, ordens, certezas fáceis" (CORAZZA, 2013, p.31). Nesse sentido, o modo como compreendemos a escritura não está ligado a um estado de inspiração que possa sem aviso prévio acometer o sujeito; nenhum chamado vocacional sensacionalista; muito menos está relacionada a dom inato; encaramos e a encarnamos "antes, atordoamento, extravasamento, desfiguração, e oxalá desmanche de si" (AQUINO, 2011, p.653).

Por isso, pressupomos que escrever talvez nos exija, primeiramente, esboçar um plano de guerrilha, montar uma espécie de trincheira, "uma atitude de espreita constante em relação ao que se nos passa" (AQUINO, 2011, p.652), pois é preciso concordar que o "poder aí está emboscado em todo e qualquer discurso, mesmo

CORPO - ARTES - EDUCAÇÃO - MODA - CULTURA - SAÚDE

INFORME C3 periódico eletrônico

quando este parte de algum lugar fora do poder" (BARTHES, 2007, p.10). Em meio a um logos que é substituído por um drama (DELEUZE, 2006), nada mais honesto e vivo, o destino de uma escrita que se deixa inventariar; importa o trabalho de uma escritura da mão sem luvas para que se efetive como "recordação errática, caótica" (BARTHES, 2003, p.126), evocando a "revalorização de resíduos difusos, excertos, cortes, hiatos, esgarçamentos miúdos, imagens inacabadas" (CORAZZA, 2013, p.111), atribuída àqueles que amamos e que somos, por isso, convocados a escrever em um desatino inconfessável.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Julio Groppa. A escrita como um modo de vida: conexões e desdobramentos educacionais. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.37, n.3, set/ dez, 2011.

BARTHES, Roland. **Sollers escritor**. (Trad. Maria de Santa Cruz). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Fortaleza: UFC, 1982.

_____. **O rumor da língua**. Lisboa: Edições 70, 1987

_____.**Roland Barthes por Roland Barthes**.Trad. Leila Perrone Moisés. São Paulo. Cultrix, 2003.

_____. **A preparação do romance I:** da vida à obra. Notas e cursos e seminários no Collège de France 1979-1980. (Trad. Leyla Perrone-Móises). São Paulo: Martins Fontes, 2005a.

_____. **A preparação do romance II:** a obra como vontade. Notas e cursos e seminários no Collège de France 1979-1980. (Trad. Leyla Perrone-Móises). São Paulo: Martins Fontes, 2005b.

_____. **Fragmento do Discurso Amoroso**.(Trad. Márcia Valéria Martinez de Aguiar). São Paulo: Martins Fontes, 2003

_____.**Aula**. (Trad. Leila Perrone Moisés). São Paulo. Estação Liberdade 2007..

CORAZZA, Sandra Mara. **Uma vida de professora**. Ijuí: Unijuí, 2005.

_____. Currículos da diferença: somos transmissores de vida. In: SCHUCK, Rogerio (Org.) **Diálogos na Contemporaneidade.** Vertigens do Tempo**.** Lajeado: Univates, 2009.

_____. Introdução ao método biografemático. In: COSTA, Luciano Bedin da; FONSECA, Tania Mara Galli (Orgs.). **Vidas do fora**: habitantes do silêncio. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.

_____. **O que se transcria em Educação?** Porto Alegre: UFRGS; Doisa, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka: Por uma literatura menor.** Rio de Janeiro: Imago, 1977.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. (Trad. Eloísa Araújo Ribeiro). Rio de Janeiro: Escuta, 1998.

ESPINOSA, Benedictus de. Ética. (Trad. Tomaz Tadeu). 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

HESSE, Hermann. **O lobo da estepe**. (Trad. Ivo Barroso). 34ªed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da Estrela.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998a.

_____. Água Viva. Rio de Janeiro: Rocco, 1998b.

_____. **A paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

_____.Mal estar de um anjo. In: MONTERO, Teresa (Org). **Clarice na cabeceira:** crônicas.Rio de Janeiro. Rocco. 2010.

_____. Se eu fosse eu. In: MONTERO, Teresa (Org). **Clarice na cabeceira:** crônicas. Rio de Janeiro. Rocco. 2010.

_____. As caridades odiosas. In: MONTERO, Teresa (Org). **Clarice na cabeceira:** crônicas. Rio de Janeiro. Rocco. 2010.

MANN, Thomas. **A Montanha Mágica**. (Trad. Herbert Caro). 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

MOSER, Benjamin. **Clarice,** uma biografia. (Trad. José Geraldo Couto). São Paulo: Cosac Naify, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce Homo**: de como a gente se tornar o que a gente é. (Trad. Marcelo Backes). Porto Alegre: LP&M, 2009.

ROSA, Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

TAVARES, Gonçalo M. **Atlas do corpo e da imaginação**. Alfragide/Portugal, 2013

Informe C3, Porto Alegre, v. 09, n. 1 (Ed. 18), Out, 2016/Mar, 2017. (ISSN: 2177-6954) - www.informec3.weebly.com

CORPO - ARTES - EDUCAÇÃO - MODA - CULTURA - SAÚDE

INFORME C3 periódico eletrônico